



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO PROMOVIDO
PELA PONTIFÍCIA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

*Sala Clementina
Sexta-feira, 20 de outubro de 2017*

[Multimídia]

Ilustres Senhoras e Senhores!

Saúdo cordialmente os Membros da Pontifícia Academia das Ciências Sociais e as personalidades que participam nestes dias de estudo, assim como as instituições que apoiam a iniciativa. Ela chama a atenção para uma exigência de grande atualidade como a de elaborar novos modelos de cooperação entre o mercado, o Estado e a sociedade civil, em relação aos desafios do nosso tempo. Nesta ocasião, gostaria de analisar brevemente duas causas específicas que alimentam a exclusão e as periferias existenciais.

A primeira é o *aumento endêmico e sistemático das desigualdades e da exploração do planeta*, que é superior em relação ao aumento do rendimento e da riqueza. Assim como a desigualdade e a exploração não são uma fatalidade, nem sequer uma constante histórica. Não são uma fatalidade porque dependem dos diversos comportamentos individuais, e das regras económicas que uma sociedade decide adotar. Pensemos na produção da energia, no mercado do trabalho, no sistema bancário, no *welfare*, no sistema fiscal, no setor escolar. De acordo com o modo como estes âmbitos são projetados, têm-se consequências diversas sobre a maneira como o rendimento e a riqueza se repartem entre quantos concorreram para os produzir. Se o lucro prevalecer como finalidade, a democracia tende a tornar-se uma plutocracia na qual crescem as desigualdades e também a exploração do planeta. Repito: isto não é uma necessidade; verificam-se períodos nos quais, nalguns países, as desigualdades diminuem e o ambiente é tutelado melhor.

A outra causa de exclusão é o *trabalho indigno da pessoa humana*. No passado, no tempo da

Rerum novarum (1891), reclamava-se “o justo salário para o operário”. Hoje, além desta sacrossanta exigência, perguntamo-nos também por que ainda não se conseguiu pôr em prática quanto está escrito na Constituição *Gaudium et spes*: «É preciso, portanto, adaptar todo o processo do trabalho produtivo às necessidades da pessoa e às formas de vida» (n. 67) e — podemos acrescentar com a Encíclica *Laudato si'* — no respeito da criação, nossa casa comum.

A criação de trabalho novo precisa, sobretudo neste tempo, de pessoas abertas e empreendedoras, de relações fraternas, de pesquisa e investimentos no desenvolvimento de energia limpa para resolver os desafios da mudança climática. Hoje isto é concretamente possível. É necessário desvincular-se das pressões das *lobbies* públicas e privadas que defendem interesses setoriais; e é necessário superar também as formas de preguiça espiritual. É preciso que a ação política seja deveras posta ao serviço da pessoa humana, do bem comum e do respeito da natureza.

Por conseguinte, o desafio a enfrentar é trabalhar com coragem para ir além do modelo de ordem social que hoje prevalece, transformando-o de dentro. Devemos pedir ao mercado não só que seja eficiente ao produzir a riqueza e ao garantir um crescimento sustentável, mas também que se ponha ao serviço do desenvolvimento humano integral. Não podemos sacrificar no altar da eficiência — o “bezerro de ouro” dos nossos tempos — valores fundamentais como a democracia, a justiça, a liberdade, a família, a criação. Em síntese, devemos apostar em “civilizar o mercado”, na perspectiva de uma ética amiga do homem e do seu ambiente.

O mesmo se diga no respeitante à reconsideração da figura e do papel do Estado-nação num contexto novo como o da globalização, que modificou profundamente a precedente ordem internacional. O Estado não se pode conceber como único e exclusivo titular do bem comum sem consentir que os corpos intermédios da sociedade civil expressem, em liberdade, todo o seu potencial. Isto seria uma violação do princípio de subsidiariedade que, juntamente com o de solidariedade, constitui um pilar de suporte da doutrina social da Igreja. Aqui o desafio é como associar os direitos individuais ao bem comum.

Neste sentido, o papel específico da sociedade civil é comparável ao que Charles Péguy atribuiu à virtude da esperança: como uma irmã menor está no meio das outras duas virtudes — fé e caridade — pegando-lhes pela mão e puxando-as para a frente. Parece-me que é esta a posição da sociedade civil: “puxar” para a frente o Estado e o mercado para que reconsiderem a sua razão de ser e o seu modo de agir.

Queridos amigos, agradeço-vos a atenção a estas reflexões. Invoco a bênção do Senhor sobre vós, sobre os vossos entes queridos e sobre o vosso trabalho.

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana